

Ela foi a sétima Cleópatra da dinastia dos Ptolomeu, a rainha das duas nações, Thea Philopator, a deusa que ama seu pai, Thea Neotera, a jovem deusa; filha de Ptolomeu Neos Dionysio; amante de Caio Júlio César e Marco Antônio; mãe de Ptolomeu XV César, de Alexandre Hélio, de Cleópatra Selene e de Ptolomeu Filadelfo. Cleópatra foi uma mulher de descendência macedônica que, vivendo em um mundo pós-helenismo cada vez mais apagado pelo poder de Roma, governou uma terra conquistada ao norte da África.

Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo compreender, sob a ótica do gênero como categoria de análise, como essas múltiplas faces da última soberana lágida foram retratadas pela obra plutarqueana. Nesse contexto, a contribuição da Análise de Conteúdo, para identificar como Plutarco descreveu a rainha Cleópatra, foi fundamental. A partir dessas definições, se fez um comparativo entre as obras outrora analisadas e as representações de Cleópatra na contemporaneidade.

Por meio deste estudo foi possível identificar que, a governante egípcia criada por Plutarco, se tornou base de inúmeras egiptomanias. Esse fenômeno, que se encontra no limiar da ciência e da imaginação, mostra uma Cleópatra mitológica que pertence definitivamente ao nosso mundo civilizado: sua elegância, sua posição de poder, seus notáveis e inusitados objetivos, suas falhas e tragédias fascinam por sua qualidade “romântica” tanto quanto por sua importância histórica. O tempo preservou representações genuínas de outras rainhas egípcias, como Nefertiti ou Hatshepsut, mas nos sonhos e na imaginação das pessoas é esta Cleópatra plutarqueana, detentora dos mistérios do Oriente, que se eternizou no imaginário ocidental como a mais egípcia das rainhas.